

## A experiência da reportagem na revista *Realidade*<sup>1</sup>

Leylianne Alves Vieira<sup>2</sup>

Marcelo Eduardo Leite<sup>3</sup>

### Resumo

A revista *Realidade*, lançada em 1966 e publicada até 1976, se propunha a apresentar a realidade do Brasil aos brasileiros, por meio de reportagens longas, que, através de fotografias e texto, mergulhavam na cotidianidade dos mais diversos pontos do país. No momento em que a publicação chegou às bancas, outras revistas de reportagem já circulavam pelo país, como é o caso de *O Cruzeiro*, *Diretrizes* e *Manchete*, bem como o país passava por um regime de ditadura. Aqui, apresentaremos as principais características de *Realidade*, considerando o seu percurso histórico e alguns dos temas abordados, a fim de entendermos melhor como se deu o mergulho na realidade brasileira. Para tanto, escolhemos apresentar três reportagens: ‘Uma vela contra o mar’ (1966), ‘Vida difícil’ (1968) e ‘Povo caranguejo’ (1970).

**Palavras-chave:** *Revista; Realidade; Reportagem; Jornalismo; História.*

### Apresentação

A revista *Realidade* chegou às bancas em abril de 1966, num momento histórico brasileiro no qual a nação se encontrava nos primórdios de um regime ditatorial. Ao longo dos anos nos quais foi publicada, entre 1966 e 1976, o país e a sociedade brasileira passaram por mudanças visíveis, como é o caso da promulgação dos Atos Institucionais

---

<sup>1</sup> Este artigo deriva do Trabalho de Conclusão de Curso ‘Relatos de um Brasil desconhecido nas reportagens da *Realidade* (1966-1968)’.

<sup>2</sup> Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará. Mestranda em Comunicação pela Universidade de Brasília. E-mail: leylianne.av@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutor em Múltiplos Meios pela UNICAMP. Professor Adjunto na Universidade Federal do Cariri (Antigo Campus Cariri da Universidade Federal do Ceará). E-mail: marceloeduardoleite@gmail.com.

(17 ao todo, entre os anos de 1964 e 1969<sup>4</sup>) e o surgimento e crescimento de expressões culturais como o Cinema Novo e o tropicalismo, entre outros (Pilagallo, 2004: 60).

Entendendo a importância desta revista para a história do jornalismo brasileiro e, também, por acreditar que nela foi desenvolvido um jornalismo diferenciado, desenvolvemos, entre 2011 e 2013, pesquisa que procurou entender como se deu a edição e publicação desta revista num Brasil conturbado por mudanças sociais e políticas.

Nestes percursos, optamos pela aproximação para com as reportagens desenvolvidas naquele veículo, analisando como foram realizadas, as diversas linguagens que as compõem e, sobretudo, como se deram as narrativas textuais e imagéticas ao longo dos anos de existência da revista. Neste momento da pesquisa, buscaremos analisar justamente estas reportagens mais extensas, presentes em grande parte dos números de *Realidade* e que levavam semanas, às vezes meses, para serem concluídas.

No entanto, apresentaremos, ainda, algumas das principais características desta publicação, buscando estabelecer uma espécie de retrato da revista, suas premissas e forma de lidar com temas pouco tratados naquele momento histórico, especialmente em se tratando de uma ditadura militar. Por fim, faremos a apresentação de algumas reportagens que demonstram o caráter e a profundidade dos temas abordados por *Realidade*.

## As revistas de reportagem no Brasil

No mesmo momento em que *Realidade* ia às bancas, em abril de 1966, outras revistas cuja formulação da notícia aliava texto e imagens se destacavam entre aquelas publicadas no país. Entre elas, as mais relevantes são *O Cruzeiro*, *Diretrizes* e *Manchete*, todas tendo publicado as chamadas grandes reportagens. Em todos estes casos, as técnicas da fotorreportagem eram exploradas, dando forma ao jornalismo em revista no Brasil.

A revista *Cruzeiro*<sup>5</sup>, lançada em 1928 por Carlos Malheiros Dias, é considerada por Nascimento (2002:17) um marco do jornalismo em revistas no Brasil, uma vez que pode ser considerada como pioneira na introdução do gênero reportagem no país. A publicação fez parte dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, circulando até 1975.

---

<sup>4</sup> Atos Institucionais. Disponível em: <<http://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-historica/atos-institucionais>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

<sup>5</sup> “A revista passou a se chamar *O Cruzeiro* em junho de 1929, na edição de número 30” (Leite, 2011:8).

A dupla Jean Manzon e David Nasser é reconhecida como sendo responsável pela consolidação do gênero reportagem nas páginas de *O Cruzeiro* nos anos de 1940 (Nascimento, 2002:17). De acordo com Leite (2011:8), o destaque que Manzon alcançou na publicação se deveu ao engajamento que o mesmo teve quando da reformulação da revista, bem como à experiência que trazia de revistas nas quais trabalhou na França, tais como *Match* e *Vu*.

Já a revista *Diretrizes*, criada dez anos depois de *O Cruzeiro*, em 1938, por Samuel Wainer, destacou-se quanto à produção jornalística por conta de seus textos críticos e embasados em boa apuração (Nascimento, 2002:17). A publicação “[...] nasceu para falar de política em plena implantação do Estado Novo. Mas surgiu determinada a abrigar os nomes da intelectualidade que resistiam a Vargas [...]” (Faro, 1999:78). Sua circulação durou até 1944, quando se viu sufocada pela censura do regime (Nascimento, 2002:17).

Apesar da baixa tiragem, não excedendo cerca de cinco mil exemplares, *Diretrizes* se consolidou como uma publicação de grandes reportagens de viés político: uma das mais conhecidas entre elas é a ‘Grã-Finos em São Paulo’, de Joel Silveira, publicada em 1943 e que tornava pública a vida mundana da elite paulistana, a partir da observação direta do repórter (Faro, 1999:79).

Faro (1999, p. 80) destaca que, apesar das diferenças políticas e de gestão, as revistas *O Cruzeiro* e *Diretrizes* podem ser apontadas como as responsáveis pela consolidação da grande reportagem na imprensa brasileira. No entanto, outra publicação deve ser destacada, pela valorização que deu, principalmente, às fotografias: *Manchete*.

A revista *Manchete* foi lançada em 1952, por Adolpho Bloch. A publicação dispunha de grande espaço para as fotografias, bem como ganhou público por meio de reportagens históricas como, por exemplo, uma publicada em 1960 sobre a inauguração de Brasília (Nascimento, 2002:17). A partir do sucesso alcançado por *Manchete*, Adolpho Bloch lança a Bloch Editores, que, por sua vez, lança outras revistas no cenário nacional, tais como *Pais & Filhos* e *Mulher de Hoje* (Vieira, 2012:2). Ainda na década de 1960, chegaria às bancas, *Realidade*.

## A revista *Realidade* e suas reportagens

Muitos autores apontam a existência de três fases para *Realidade*. A primeira estaria estabelecida entre abril de 1966 e dezembro de 1968; a segunda, entre janeiro de

1969 e setembro de 1973; e a terceira teria início em outubro de 1973 e iria até janeiro de 1976. No entanto, destacamos que esta definição em fases feita quanto à história da revista parece se apoiar mais nos quadros de funcionários, que propriamente em conteúdo, ao menos no que tange às diferenças entre a primeira e a segunda fase. Já a chamada terceira fase tem início quando a revista muda de formato, passando a uma versão que muitos apontam como sendo inspirada na revista americana *Seleções*, da Reader's Digest. Neste texto, nos deteremos no período que compreende as duas primeiras fases de *Realidade*.

Sendo assim, “a primeira fase, a chamada fase áurea, é a que ficou para a História. Para alguns, *Realidade* teve apenas uma fase, que durou de fins de 1965, na preparação dos números zero (houve pelo menos dois zeros), até dezembro de 1968” (Marão, 2010:36). É com estas palavras que José Carlos Marão descreve a chamada primeira fase de *Realidade*. Marão fez parte dos quadros da revista desde o primeiro número que foi às bancas até o final da primeira fase. Além disso, retornou para *Realidade* em meados de 1969, durante a chamada segunda fase.

Nos termos de Martins e Luca, “Roberto Civita concebeu a publicação, montou uma redação que juntava alguns dos melhores repórteres e autores de texto da época: a revista tinha que ser boa de ler, e as reportagens tinham que ter impacto e surpresa” (2008, p. 215). Originalmente, *Realidade* foi pensada como encarte para os periódicos *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Diário de Minas*, tendo, inicialmente, o título de *Revista de Domingo* (Severiano, 2013:32). No entanto, após perceberem que a maior parte dos patrocinadores seria destinada para a nova publicação, os jornais declinaram da proposta (Severiano, 2013:41).

À frente deste grupo estavam dois jornalistas que merecem destaque: Paulo Patarra<sup>6</sup> como redator-chefe e Sérgio de Souza<sup>7</sup> como editor de texto. Destaca-se que o quadro de funcionários da futura *Revista de Domingo* já estava parcialmente montado, tendo como profissionais contratados aqueles que faziam parte de veículos de renome na época, entre eles alguns da própria Editora Abril, como é o caso de *Quatro Rodas* e *Claudia*, por exemplo. Em entrevista cedida a Gil Campos, Patarra afirma: “levei para *Realidade* quase

---

<sup>6</sup> “Quem criou *Realidade* foi Paulo Patarra. Prescreveu a receita e, para aviar, montou a equipe e a dirigiu” (Severiano, 2013:19).

<sup>7</sup> Segundo o que foi publicado no site Folha Online por ocasião de sua morte, Sérgio “[...] começou a trabalhar como jornalista na Folha no fim da década de 1950, mesmo sem experiência no ramo. Quatro anos depois, transferiu-se para “Quatro Rodas”, da Editora Abril. Ali, em 1966, fazia parte da equipe que fundou e lançou “Realidade”, cujo forte era a reportagem.” (Folha Online)

todos os que tinha enfiado na *Quatro Rodas* e em outras revistas da Abril: o ‘maluco beleza’ do Narciso Kalili veio de *Intervalo*, Eduardo Barreto estava escondido em *Claudia* e Hamilton Almeida Filho, um gênio diabólico, como outros, veio da rua” (2007).

Como descreve Faro, *Realidade* surgiu atrelada diretamente ao período histórico-cultural no qual foi lançada, na medida em que situava o leitor nas problemáticas de seu tempo, apontando características de uma crise do contemporâneo: “A revista procurava dar ao público a dimensão essencial de suas indagações através de uma extraordinária variedade temática [...]. Mas numa pauta nada aleatória, muito menos um universo de situações que não guardavam relação entre si [...]” (Faro, 1999:89).

A chamada primeira fase de *Realidade* foi marcada por diversos acontecimentos. Entre eles, podemos destacar a apreensão do número dez, de janeiro de 1967, já nas bancas. Tal número era inteiramente dedicado à mulher brasileira. Martins e Luca destacam as chamadas de capa da edição apreendida nas bancas, a fim de demonstrar o que chocou as autoridades da época: ‘Pesquisa: o que elas pensam e querem’, ‘Confissões de uma moça livre’, ‘Ciência, o corpo feminino’, ‘Eu me orgulho se ser mãe solteira’, ‘Por que a mulher é superior’ e ‘Assista a um parto até o fim’ (Martins; Luca, 2008: 216).

A reportagem que foi apontada como a principal responsável pela apreensão daquele número de *Realidade* tem texto de Narciso Kalili e fotografias de Claudia Andujar. Com o expressivo título *Nasceu!*, a mesma trata de um dia de trabalho da parteira Dona Odila, na cidade de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul. Sobre o episódio, Severiano, que à época era um dos editores de *Realidade*, descreve:

Diante das fotos de Claudia, aconteceria uma das mais incríveis sessões de discussão política e exercício de autocensura de que participei. A foto de abertura só podia ser a menininha saindo da mãe, justificando o *Nasceu!*. Claudia fotografou de frente: Odila ampara a cabecinha puxando-a para o mundo. Hoje qualquer tevê mostra, mas estávamos na época em que se dizia à criança que ela nascia num pé de couve, ou a cegonha trazia. E era regime militar pé-de-chumbo’ (Severiano, 2013:107).

Ao longo dos 33 números que contemplam esta primeira fase de *Realidade*, inúmeros temas foram tratados, tais como a liberdade sexual entre as mulheres, o celibato entre os padres, a vida entre os índios, a fome no Nordeste, os menores abandonados,

enfim, um leque de pautas<sup>8</sup> que demonstram como *Realidade* se propunha a apresentar o Brasil aos brasileiros, em consonância com o que veio apresentado no editorial do número seis: “REALIDADE parte do princípio de que seus leitores são adultos, inteligentes e interessados em saber a verdade. E continuará fiel ao seu compromisso de informar. Com imparcialidade, com serenidade. E com a coragem de enfrentar os fatos” (1966, p. 3).

Prova deste compromisso pode ser visto no número 33, publicado em dezembro de 1968, quando *Realidade* leva às bancas uma entrevista realizada por Paulo Patarra com o líder comunista Luis Carlos Prestes, aquele que seria o último trabalho de Patarra para a publicação. Nesta ocasião, a primeira equipe da revista já estava desfeita. Paulo Patarra foi afastado de *Realidade* logo após o fechamento do número 32, no final de outubro de 1968 (Severiano, 2013:303). Pouco depois, em dezembro do mesmo ano, após a promulgação do Ato Institucional Nº 5<sup>9</sup>, a maior parte da equipe pediu demissão. Segundo Azevedo, saíram onze pessoas em um mesmo dia (Azevedo, 2007:242).

Após a saída de parte da equipe dos quadros iniciais de *Realidade*, o repórter Milton Coelho passa a ser o redator-chefe da revista, na condição de interventor (Severiano, 2003:304). No entanto, vale destacar que os profissionais que se desligaram da revista naquela ocasião eram repórteres de texto, diagramadores ou editores. Os repórteres fotográficos, por sua vez, continuaram desenvolvendo trabalhos para a publicação, como é o caso de George Love, Claudia Andujar, Luigi Mamprin, entre outros.

Apesar do episódio da demissão coletiva, alguns repórteres retornam para a publicação em meados de 1969, tais como José Carlos Marão e José Hamilton Ribeiro. Sobre este momento da revista, Marão descreve: “As cautelas, nas matérias, eram muito maiores, embora nunca tivesse havido censura dentro de *Realidade*, como estava ocorrendo em outras redações. A cautela existia agora também nos contatos externos, com entrevistados ou personagens de matérias.” (Marão, 2010:35).

Personagens estes que, segundo análise que realizamos nas próprias revistas, continuavam sendo “[...] gente comum, nos quais o leitor podia se projetar. A pauta de

---

<sup>8</sup> Baseado em pesquisa realizada em acervo particular da revista, pertencente ao professor Marcelo Eduardo Leite.

<sup>9</sup> “O AI-5, que, ao contrário dos atos anteriores, vigoraria por prazo indefinido, dava ao presidente, entre outras prerrogativas, o poder de cassar políticos, fechar o Congresso, suspender o *habeas corpus*, impor censura prévia à imprensa, aposentar compulsoriamente professores universitários, prender dissidentes. Costa e Silva faria tudo isso. Qualquer vestígio de oposição seria sufocado. Como definiria a crônica política, o AI-5 foi o golpe dentro do golpe, o início dos Anos de Chumbo.” (Pilagallo, 2004:65).

*Realidade* trabalhou muito pouco com celebridades, a não ser em casos inevitáveis como espetáculos ou esportes” (Marão, 2010:31).

Edições que se destacam na produção da segunda fase de *Realidade* são as chamadas ‘especiais’. Elas foram três: Amazônia (1971), Nordeste (1972) e Cidades (1972)<sup>10</sup>. Sobre estas experiências, o repórter e editor Audálio Dantas relata, em entrevista cedida a alunos da FACHA<sup>11</sup>:

[...] era um tipo de jornalismo de investimento na matéria. Que não se faz mais hoje, uma edição dessas da Amazônia levou um contingente imenso de repórteres para todos os pontos da região, assim como Nordeste, meia redação da *Realidade* foi para Recife, montamos uma redação no Recife. Essas coisas são impensáveis hoje, e significava um investimento muito grande, em dinheiro, não só de tempo dos repórteres e tal, mas dinheiro. A redação ficou em um andar inteiro em um hotel no Recife, e depois transporte para todo o Nordeste, todo esse tipo de coisa (Dantas, 2012).

Mesmo após a modificação dos quadros, algumas das principais características de *Realidade* ainda podem ser observadas. Além dos personagens, como citado anteriormente, as temáticas também continuaram a tratar de problemas da sociedade brasileira, como um todo, apesar da cautela imposta pelo momento político. Em “Eu sou João, homem sem leitura”, por exemplo, publicada em setembro de 1970 (nº 54), com texto de José Hamilton Ribeiro e fotografias de Amâncio Chiodi, é apresentado aos leitores João, um homem do interior de São Paulo, que tenta aprender a ler. José Hamilton define a pauta nestes termos:

No meio da década de 60, por alguma razão, a taxa de analfabetismo [...] entre adultos no Brasil causou constrangimento e vergonha. Só na cidade de São Paulo, entre a população com mais de 14 anos, havia 500 mil analfabetos. O Governo Federal iniciou então uma campanha de alfabetização em todo o país, envolvendo educadores, artistas, entidades civis. Nesse clima fui conhecer um ‘meia-cuié’ que vivia em São Paulo (Ribeiro, 2010:311).

Desta forma, buscando ilustrar melhor este espírito das reportagens, no próximo capítulo, daremos atenção a algumas destas reportagens, que definiram a revista, que fizeram dela uma ‘revista de reportagens’, apontando para as principais características desenvolvidas tanto pelo repórter de texto, como pelo repórter fotográfico, ou mesmo pela editoria de arte.

<sup>10</sup> Baseado em levantamentos realizados na coleção particular de Marcelo Eduardo Leite.

<sup>11</sup> Faculdades Integradas Hélio Alonso. Depoimento: Audálio Dantas. Disponível em: <<http://realidade-revista.blogspot.com.br/2012/04/depoimento-audalio-dantas.html>>. Acesso em: 03 jul. 2013.

As reportagens em *Realidade*

A fórmula de *Realidade* era bem dosada, segundo o que relata Severiano: as pautas cujo Brasil fosse o tema eram fundamentais; Nordeste, inflação, crise de empregos, mas sem se tornar um espaço de lamentações acerca dos problemas do país; política, não sobre eleições ou fatos, mas sobre o cenário mundial; esporte, mais futebol que outros tipos, mas até briga de galo pode ser tema de pauta; infância-educação dedicada ao público feminino, mas podendo ser lidas pelo público masculino, buscando fugir das matérias didáticas; literatura, música, teatro e artes são potenciais para entrevistas, ensaios fotográficos e reportagens; ao menos um texto de humor e um perfil por mês (Severiano, 2013:79-82).

Abaixo, apresentamos três reportagens cujas pautas e abordagens explicitam a fórmula de *Realidade*, em épocas diferentes. São elas: ‘Uma vela contra o mar’ (1966, nº 02), ‘Vida difícil’ (1968, nº 28) e ‘Povo Caranguejo’ (1970, nº 48).

Em ‘Uma vela contra o mar’ (Figura 1) é uma reportagem que foi realizada no estado do Ceará, em Canoa Quebrada. Faz parte do número dois de *Realidade*, tendo sido publicada em 1966. O texto é de autoria de Narciso Kalili, ao passo que as fotografias são de Luigi Mamprin, nascido na Itália e radicado no Brasil.



Figura 1: Abertura da reportagem ‘Uma vela contra o mar’.

A reportagem se refere à vida, à cotidianidade de três pescadores daquela localidade: Pedro Teófilo (70 anos), Raimundo (filho de Pedro) e Valdemar (o neto). O

texto traz uma narrativa acerca do lugar, acompanha Pedro Teófilo, descreve os meios por onde passa e apresenta as pessoas com as quais ele encontra. Além disso, também apresenta diálogos e pensamentos do pescador ao longo do dia.

Como pode ser visto na Figura 1, há forte interação entre os elementos que compõem a página, texto e fotografia. Nos termos de Melo, “essa é a contribuição maior de *Realidade* à história da linguagem jornalística: texto, fotografia e design passam a andar juntos, dividindo irmanamente a responsabilidade pela construção do discurso” (Melo, 2006:149).

As fotografias, realizadas por Mamprin a partir da praia ou mesmo de dentro das pequenas embarcações, explicitam detalhes da vida dos pescadores no mar, movimentos, espaços, personagens da vila, enfim, transferem para a reportagem parte da carga emocional que a vida naquele ambiente carrega.

Quanto às experiências em Canoa Quebrada quando da apuração da reportagem, Severiano revela que Narciso utilizou toda a verba cedida pela Editora Abril em alimentos e distribuiu-os entre os moradores da aldeia de pescadores (2013:173). Este fato demonstra a profundidade do contato, a imersão dos repórteres no ambiente onde a pauta se desenvolve, bem como a relação que se construiu entre os profissionais da publicação.

Em ‘Vida difícil’ (Figura 2), reportagem com fotografias de Claudia Andujar e texto final de Mylton Severiano<sup>12</sup>, é um caso específico de diagramação de matérias em *Realidade*. As fotografias estão encadeadas, por sete páginas seguidas, num bloco único, ao mesmo tempo em que outro bloco segue, de texto. Quando trata deste tipo de diagramação, Melo afirma que “no conjunto, cada matéria acaba sendo composta por dois discursos paralelos. Na abertura, a sequência fotográfica pontuada por textos breves; em seguida, o bloco de texto, ocupando sozinho as páginas finais” (2006:154).

---

<sup>12</sup> Severiano foi um dos Editores de Texto de *Realidade*. Maranhão destaca que, em algumas situações, Sérgio de Souza ou Mylton Severiano escreviam o texto da reportagem, utilizando as informações repassadas pelo repórter (Maranhão, 2010:33), o que aconteceu neste caso.

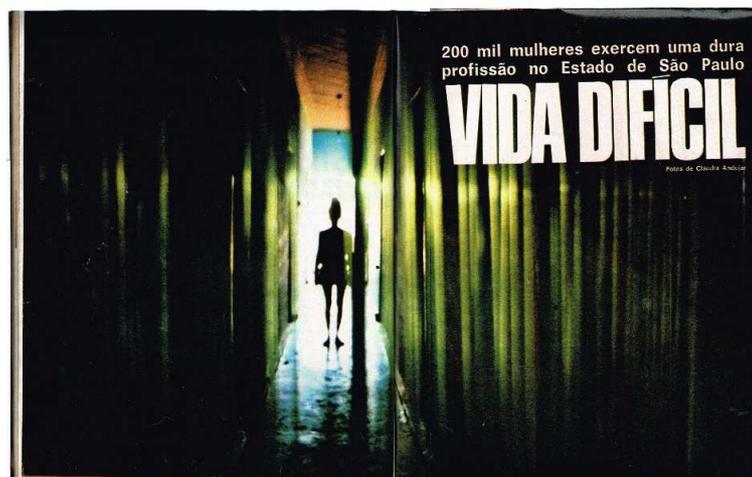


Figura 2: Abertura da reportagem 'Vida difícil'.

A fim de realizar o ensaio que inicia a reportagem, Andujar mergulhou na cotidianidade de uma casa de prostituição, de forma que as fotografias revelam detalhes da vida destas mulheres durante o dia e a noite, com os filhos, em 'momentos de paz', como define um dos títulos de página, ou durante o trabalho, enfim, trazendo para as páginas da revista imagens não imaginadas, às vezes esquecidas, acerca da prostituição, dando ênfase à rotina das mulheres, evidenciando o lado humano das personagens. A imagem de abertura da reportagem apresenta uma única personagem que representa as 200 mil mulheres que exercem a profissão em São Paulo, segundo destaca o texto de apresentação, uma vez que sua silhueta na contraluz daquele ambiente se destaca em relação às paredes.

O texto, por sua vez, conta com a apuração de cinco repórteres: Carlos Azevedo, Celso Kinjô, Raimundo Rodrigues Pereira, Percival de Sousa e Fernando Portela, e traz dados estatísticos que descrevem o quadro da prostituição em São Paulo. Além disso, ainda aponta o caso de algumas mulheres que tentam deixar a prostituição, mas se vêm obrigadas a continuarem no meio.

Já a reportagem "Povo Caranguejo" (Figura 3), publicada em março de 1970, com texto de Audálio Dantas e fotografias de Maureen Bisilliat, trata da vida dos catadores de caranguejo no estado da Paraíba. O texto aborda do assunto por dois ângulos diferentes: o do catador de caranguejo e o do próprio caranguejo, demonstrando a liberdade textual permitida pela revista.

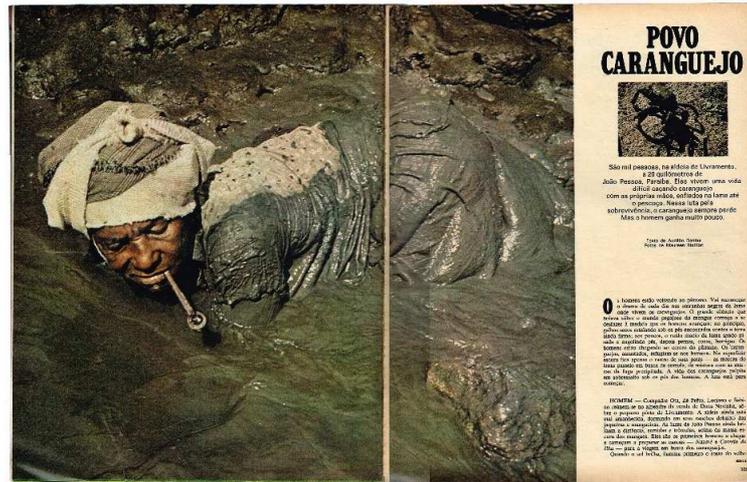


Figura 3: Abertura da reportagem ‘Povo caranguejo’.

O mergulho na realidade dos catadores de caranguejo se deu por ambos os repórteres: por cerca de uma semana, eles viveram no litoral da Paraíba, na aldeia de Livramento, acompanhando a vida dos catadores. Segundo Dantas, no período que esteve na localidade, ele fez três ‘viagens’ ao mangue, acompanhando, com os pés na lama, a caça ao caranguejo (Dantas, 2012:114). Sobre a desenvoltura da repórter fotográfica, ele relata:

Quando dei o trabalho por concluído, era um domingo de manhã, quase meio-dia. Estava reunido com alguns moradores de Livramento, no portinho das canoas. Maureen, que acompanhara um grupo de mulheres numa caçada ‘extra’ num mangue próximo, ainda não tinha voltado. Resolvi aguardá-la ali, enquanto ouvia elogios que o pessoal lhe fazia. Mulher corajosa, até parecia uma daquelas de livramento (Dantas, 2012:115).

Ainda sobre a atuação de Maureen, Dantas afirma que ambos seguiram os passos dos catadores e que a única preocupação da repórter fotográfica, neste percurso, era que a lama não atingisse as lentes da câmera, o seu ‘segundo olhar’, enquanto explorava os pântanos (Dantas, 2012:114).

Melo aponta que os fotógrafos de *Realidade*, assim como os repórteres de texto, falavam em primeira pessoa, isto significaria “abordar o assunto a partir de uma visão particular. Tal qual o profissional do texto, o fotógrafo mergulha no assunto da reportagem e emerge com um retrato filtrado pelo seu ponto de vista” (Melo, 2006:150).

## Considerações finais

A revista *Realidade* se propunha a mostrar o Brasil para os brasileiros, por meio de grandes reportagens, que ao transpor as realidades observadas, seja pelos repórteres de texto ou fotográficos, mergulhavam nas mais diversas realidades do país. Esta publicação não só tratou de temas que eram tabus para a época, mais que isso, o fizeram dando condições que desenvolvimento pleno da sensibilidade de seus profissionais. Não podemos nos esquecer, também, que muitos temas não eram convergentes aos do regime totalitário. Isso tudo, nos parece ser a fórmula que sedimenta a importância da publicação como uma das mais relevantes do nosso país.

As reportagens aqui apresentadas explicitam a forma como estas reportagens abordavam os temas mais variados, aprofundando-se em ambas as linguagens: texto e fotografia. Os deslocamentos às mais diversas localidades do país, fator imprescindível para a realização das reportagens de *Realidade*, possibilitavam a imersão do repórter na cotidianidade dos personagens.

Sendo assim, destacamos que os trabalhos desenvolvidos em *Realidade* contribuíram para construir o relato de uma época conturbada na história do país, mas, muito mais que isso, marcaram a história do jornalismo brasileiro, uma vez que, a partir da imersão de seus repórteres e da organização do material por meio das editorias de texto e arte, levou às bancas reportagens que tratavam do povo brasileiro, de seus problemas e virtudes, a partir de um ângulo familiar ao do próprio personagem por elas revelado.

## Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Carlos. **Cicatriz de Reportagem**: 13 histórias que fizeram um repórter. São Paulo: Editora Papagaio, 2007.

CAMPOS, Gil. "**Jornalista tem que saber ler**". Observatório da Imprensa, 24.04.2007. Ed. 430. Disponível em: < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/jornalista-tem-que-saber-ler>>. Acesso em: 03 jul. 2013.

DANTAS, Audálio. **Tempo de reportagem**. São Paulo: Leya, 2012.

EDITORIAL. **Realidade**, São Paulo, nº 6, p. 3, 1966.

FARO, J. S. **Revista Realidade, 1966-1968**: tempo da reportagem na imprensa brasileira. Canoas: Ed. Da ULBRA / AGE, 1999.

LEITE, M. E. O Cruzeiro: o caso da fotorreportagem “Uma tragédia brasileira: Os paus-de-arara”. In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, 2011, Maceió - AL. XIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste. São Paulo: INTERCOM, 2011.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARÃO, José Carlos. Vida, paixão e morte de Nossa Senhora Realidade. In: RIBEIRO, José Hamilton; MARÃO, José Carlos. **Realidade Re-vista**. Santos: Realejo Edições, 2010. p. 21-37.

MELO, Chico Homem de. (Org.) O design gráfico brasileiro: anos 60. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil**: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete. São Paulo: Annablume, 2002.

PILAGALLO, Oscar. **A história do Brasil no século 20**: (1960-1980). São Paulo: Publifolha, 2004.

SÉRGIO de Souza, editor da revista "Caros Amigos", morre em São Paulo. Folha Online, 25.03.2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u385660.shtml>>. Acesso em 03 jul. 2013.

SEVERIANO, Mylton. **Realidade**: história da revista que virou lenda. Florianópolis: Insular, 2013.

VIEIRA, R. M. **Rede Manchete: um estudo de caso**. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2012.